



https://doi.org/10.14195/2184-7193_11_2

Os espécimes epigráficos da coleção do Instituto de Arqueologia

Armando Redentor | Universidade de Coimbra |
Faculdade de Letras | DHEEAA-IARQ | CEIS20

Do ensino da Epigrafia na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e da importância da Didática

Remonta a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra à Primeira República. Já centenária, foi criada em 1911 pelo Ministério do Interior, dirigido por António José de Almeida, em amplo projeto de laicização da Instrução Pública. O seu funcionamento foi afetado a diversas instalações até definitivo estabelecimento no atual edifício estado-novista (inaugurado em 1951), bem depois de uma tentativa de extinção, em 1919, por parte de Leonardo Coimbra, ministro da Instrução Pública do 20º governo da Primeira República.

Entre os lentes de Teologia que se transferiram para a novel Faculdade de Letras, destaca-se o nome de António Garcia Ribeiro de Vasconcelos, então colocado no grupo de Filologia Românica, mas que viria a tornar-se num importante obreiro no âmbito da História, dando importante contributo em ciências fundamentais para estes estudos, como sejam a Paleografia e Diplomática, a Numismática e Esfragística, bem como, naturalmente, a Epigrafia.

Antes dos anos 70, há dois nomes fundamentais no ensino da Epigrafia na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, desde logo por protagonizarem períodos longos de lecionação. Desde 1912 a 1927, a cadeira é regida por António de Vasconcelos e, a partir dos meados dos anos 50 até aos de 70, por Avelino de Jesus da Costa, ambos

sacerdotes. O período de lecionação do último teve interrupções breves, levando ao exercício docente da disciplina Manuel Oliveira Pulquério (1959-1961) e Walter de Sousa Medeiros (1962-1963). No período central da primeira metade do século sucedem-se outros nomes, designadamente Damião Peres (1929-1934), Torquato de Sousa Soares (1944-1947) e Joseph Piel (1939-1941 e 1947-1953). A partir de 1976 até à entrada no presente século, será José d'Encarnação a impulsionar o ensino da Epigrafia, com uma brevíssima descontinuação (1990-1991) assegurada por Vasco Mantas.

Desde a criação da Faculdade de Letras, a Epigrafia figura no curso de Ciências Históricas e Geográficas como cadeira integrante das então consideradas *ciências auxiliares da História* que, na senda do pensamento metódico vigente, permitiam a afirmação da autoridade do documento. Ficou então a cargo da secção com a mesma designação do curso, como consta do Regulamento das Faculdades de Letras (de Coimbra e Lisboa), de 19 de agosto, assinado por José António de Almeida (*Diário do Governo* nº 195, de 22 de agosto de 1911). Este regulamento atribui à Epigrafia um horário trimestral a coordenar com a Paleografia no primeiro semestre.



Uma das facetas a ressaltar do decreto relativamente à organização e natureza dos cursos respeita à forma de ministrar o ensino, que assentava na realização de lições magistrais facultativas (destinadas à transmissão do conhecimento), mas também em trabalhos práticos obrigatórios em diversas modalidades e exercícios de investigação científica, para os quais se definiu a criação um Instituto de Estudos Históricos, precisamente destinado a iniciar os alunos na componente investigatória, dentro das secções de Filologia, História e Filosofia que compreendia. Mas é igualmente significativo que também no diploma tenha sido previsto, para além da existência de biblioteca formada pelas principais obras e revistas com interesse para as diversas disciplinas ministradas, a existência de um museu constituído com todo o material de intuição e demonstração empregado no ensino, pelo qual se responsabiliza um conservador nomeado pelo Conselho, de entre os professores e assistentes.

A Epigrafia manterá a sua existência nas seguintes reformas da Faculdade de Letras (1918, 1926, 1930, 1957, 1968, 1978) e subsequentes alterações de planos de estudos produzidas, a partir de 1988, no quadro da autonomia universitária, ainda que com variações em termos de carga horária e de distribuição por anos e semestres, incluindo no atual modelo de estrutura relacional das licenciaturas produzido pela mais recente reforma da oferta educativa, em vigor desde 2015-16, alinhada com o processo de Bolonha.

Fig. 1 – Altar votivo com dedicatória a Tabúdico ([79]x48x48 cm). Foto: A. Redentor.

IVNIAEPEGLIARI
ANN XXII
LIVNIIVSRVIVS
MATRI F C

As moldagens de espécimes epigráficos na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Será ao período inicial da Faculdade de Letras, no qual António de Vasconcelos assegura a cadeira de Epigrafia, que remontará uma parte dos espécimes epigráficos que hoje integram o Instituto de Arqueologia, nomeadamente algumas das moldagens que terão integrado a galeria de epigrafia que se encontrava em processo de composição aquando da tentativa de extinção da Faculdade de Letras em 1919.

O opúsculo que a Faculdade de Letras de Coimbra faz publicar nesse ano (*A Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra ao País*) como reação a esta tentativa protagonizada por Leonardo Coimbra, no efémero ministério da Instrução Pública do governo de Domingos Leite Pereira, é esclarecedor do processo constitutivo dessa galeria epigráfica ou aula-museu, como aí surge duplamente mencionada, para a qual o seu organizador almejava que representasse *todo o Portugal epigráfico*, e que ia sendo gabado por eruditos como José Leite de Vasconcelos, arqueólogo, linguista, filólogo e etnógrafo, Joaquim de Vasconcelos, historiador e crítico de arte, ou David Lopes, arabista.

O contributo de António de Vasconcelos neste processo é determinante, sendo provável que contasse igualmente com o empenho de outros nomes da Faculdade de Letras ligados à disciplina, como o de Manuel Gonçalves Cerejeira, que também dirigiu trabalhos práticos de epigrafia na instituição, conforme consta da proposta de nomeação como professor Ordinário de Ciências Históricas, com dispensa de provas públicas, feita ao Conselho da Faculdade de Letras, nesse mesmo ano.

O elogio da Faculdade de Letras realizado na Academia das Ciências por António Ferrão (de que se publica nota em *A época* de 31 de maio de 1919) também alude à aula de epigrafia – por esta altura anexa ao Arquivo da Universidade –, considerando que sendo já de importância, *será de futuro, certamente, um belo museu de “moulages” para o ensino da arqueologia e da arte antiga e moderna*. No mesmo sentido se expressa o professor e poeta Eugénio de Castro em entrevista concedida a um periódico pela mesma altura (*Diário de Notícias*, de 12 de junho de 1919), na qual, a propósito da secção de História se refere à galeria epigráfica *com um material tão rico de reproduções em gesso dos monumentos epigráficos do centro do país, que é o permanente assombro daqueles que um dia visitam a Faculdade*.



Este esforço na constituição da aula-museu de epigrafia é revelador da elevada preocupação com a componente didática da disciplina desde os primórdios da Faculdade de Letras, dimensão que, aliás, não deixa de estar bem presente no âmbito dos cursos de ciências históricas que as diferentes reformas foram afinando como reflexo de conjunturas políticas e preceitos teóricos diversos.

Fig. 3 – Moldagem do epitáfio de Cádio Cariano (73x54x7 cm). Foto: A. Redentor.

O recurso a fieis reproduções em gesso de inscrições é algo que se contextualiza no movimento de constituição de gipsotecas para facilitar o estudo da História da Arte, da Arqueologia e da Epigrafia, que se vê despontar em muitas cidades europeias e americanas, alguns em ambientes universitários, sobretudo na segunda metade do século XIX e princípios do XX, mas que tem raízes mais fundas no neoclassicismo do século XVIII.

O fundo, denominado Fundo Sá Pinto, instituído pela Universidade de Coimbra em 1930 com o legado do benemérito Alexandre de Sá Pinto, falecido em Buenos Aires em 1926, viu, em 1933, por deliberação do Senado Universitário, estabelecerem-se as bases para a concessão de subsídios que visam a aquisição de material reconhecido como indispensável para a realização de trabalhos de investigação e despesas com eles e a aquisição de material didático (ata da sessão de 13 de fevereiro de 1933). Este mesmo fundo virá a suportar algumas ações tendentes à organização e apetrechamento do Instituto de Arqueologia que

Fig. 4 (página ao lado) – Moldagem da dedicatória realizada a Antonino Pio divinizado em *Colliippo* (99x69x5,5 cm). Foto: A. Redentor.

DIVO A N TONIN
 AVG PIO P P
 OPTIMO AC SANCTI
 SIMO OMNIVM SAE
 LOR VM PRINCIP I
 Q TALOTVSQ FO VIR A
 LIVSSILONIANVS COL
 LIPPONESIS EVOGEIVS
 HOR VI PR AE TORIA
 NOMINE ORDINIS
 COLLIPPONEN SI VM
 QVOD DE CVRIONE
 VM REMISSO HONOI
 RIO ET MVNERIBV SE
 NERIBV SR PFECERIN
 DEDICATA EX D D
 XIII OCTOBI IMRCAE
 LAURELIO VERO AVG
 M VMIDIO QVADRATO
 COS II VIR
 ALLIOMAXIMO
 SVLPICIOSILONIAN

Os espécimes epigráficos no *Museu Didático* do Instituto de Arqueologia

A constituição de uma estrutura museológica é algo que está na génese da própria Faculdade, como se viu, mas um *museu didático* expressamente associado à temática arqueológica é algo que surge com a criação do Instituto de Arqueologia, datada de 1954 e com inauguração ocorrida em 1958. Naturalmente, este núcleo é herdeiro dos materiais preexistentes na Faculdade de Letras, mas é fortemente enriquecido com algumas doações de materiais arqueológicos e epigráficos autênticos.

Neste último campo cumpre referir a receção do único monumento epigráfico original existente na coleção do *museu didático*. Trata-se de um altar votivo de fuste circular sobre base quadrada, incompleto no topo, marcado por uma decoração de grinaldas presas por bucrânios esculpida na matéria calcária, e dedicado a uma divindade indígena (Fig.1). Procede da região da Bairrada ou, na Antiguidade, do norte do território da *ciuitas de Aeminium* (Coimbra) e dá conta do voto realizado por um *C. Fabius Viator* a uma deidade que apenas aí se identifica pelo epíteto *Tabudico*, ao qual a análise linguística tem apontado carácter toponímico ou hidronímico. Foi encontrado em Murte, em 1957,

durante a demolição de uma parede no sítio da antiga casa paroquial – encontrando-se, então, em reaproveitamento, como é frequentíssimo acontecer com outros monumentos pétreos – e oferecido, pelo Dr. José Zacarias d'Almeida Sampaio Costa e Nora, ao Instituto de Arqueologia em 1958-59.

Desde 1987, o Instituto de Arqueologia encontra-se instalado no Palácio de Sub-Ripas, sito na rua com o mesmo nome, e aí está exposta a referida ara, tal como os modelos gipseos referentes a algumas das mais importantes inscrições do centro de Portugal que transitaram do edifício da Faculdade de Letras. Todos eles se encontram emoldurados em caixilhos de madeira, permitindo a sua exposição suspensa nas paredes.

Estes elementos didáticos permitem ter reproduzidos diversos tipos de inscrições de época romana e medieval. Ao todo, a gipsoteca que nos é possível restituir reuniu duas dúzias de moldagens, maioritariamente de epígrafes do primeiro período (Quadro 1).

	Tipo de inscrição	Origem do original	Conteúdo	Bibliografia*
ÉPOCA ROMANA				
1	funerária	Coimbra	Epitáfio de <i>Aurelius Rufinus</i>	<i>CIL</i> II 368
2	funerária	Coimbra	Epitáfio de <i>Cadius Carianus</i>	<i>CIL</i> II 5241
3	funerária	Coimbra	Epitáfio de <i>Chrysis</i>	<i>CIL</i> II 374
4	funerária	Coimbra	Epitáfio de <i>Iunia Peculiaris</i>	<i>CIL</i> II 5242
5	funerária	Coimbra	Epitáfio da esposa de <i>Publicius Genialis</i>	<i>CIL</i> II 394
6	funerária	Montemor-o-Velho	Epitáfio de <i>Cadius Cella</i>	Vasconcellos 1913
7	funerária	Condeixa-a-Velha	Epitáfio de <i>C. Allius Auitus</i>	FC II 63
8	funerária	Condeixa-a-Velha	Epitáfio de [- - -](i)us <i>Frontonis</i>	<i>CIL</i> II 5243; FC II 52
9	funerária	Condeixa-a-Velha	Epitáfio de <i>Vibianus Vibi f.</i>	<i>CIL</i> II 393; FC II 74
10	funerária ?	Bobadela	Epitáfio (ou dedicatória a) de <i>Iulia Flauina</i>	<i>CIL</i> II 399
11	honorífica?	Bobadela	Dedicatória realizada pela flamínica <i>Iulia Modesta</i>	<i>CIL</i> II 396
12	honorífica	Coimbra	Dedicatória a Constâncio Cloro	<i>CIL</i> II 5239
13	honorífica	Leiria	Dedicatória a Antonino Pio divinizado	<i>CIL</i> II 5232
14	Votiva	Bobadela	Consagração a Vitória	<i>CIL</i> II 5245
15	Votiva	Condeixa-a-Velha	Consagração ao <i>Liber Pater</i>	FC II 13
16	Votiva	Mortágua (prox.)	Dedicatória aos <i>Lares Patres</i>	FC II 23a
17	Monumental	Bobadela	Dedicatória à <i>ciuitas</i> pela flamínica <i>Iulia Modesta</i>	<i>CIL</i> II 397
18	Monumental	Couto de Midões	Dedicatória de templo ao Génio do Município	<i>CIL</i> II 401
19	Monumental	Couto de Midões	Dedicatória de templo a Vitória	<i>CIL</i> II 402
20	Viária	Coimbra (Adémia)	Miliário de Calígula	<i>CIL</i> II 4639
21	Viária	Condeixa-a-Velha	Miliário de Constâncio Cloro	FC II 103
ANTIGUIDADE TARDIA E ÉPOCA MEDIEVAL				
22	funerária	Condeixa-a-Velha	Epitáfio de <i>Serenianus</i>	FC II 108
23	funerária	Coimbra	Epitáfio de D. Honório	EMP 397
24	funerária	Coimbra ?	Epitáfio de D. Mor Peres e D. Maria Gonçalves	EMP 695

* *CIL* II = HÜBNER, E. (1869/1892), *Corpus Inscriptionum Latinarum II: Inscriptiones Hispaniae Latinae*, Berlim. *EMP* = BARROCA, M. (2000), *Epigrafia medieval portuguesa: 862-1422*, Lisboa. *FC* = ÉTIENNE, R., FABRE, G., LÉVÊQUE, P. e M. (1976), *Fouilles de Conimbriga II: épigraphie et sculpture*, Paris. *VASCONCELLOS*, J. L. (1913), Inscrição romana de Montemor-o-Velho, *O Archeologo Português*, 18, 101-102.





Fig. 5 – Moldagem da inscrição da sobreverga da igreja matriz de Bobadela (41,5x247x6 cm). Foto: A. Redentor.

A representação mais vasta respeita às inscrições funerárias romanas, o tipo com mais presença na paisagem epigráfica antiga. Uma dezena de moldagens com epitáfios supera a quota-parte das referentes a inscrições votivas, honoríficas e monumentais, com três exemplares de cada tipo, tal como das viárias, com dois.

Para lá desta dimensão da distribuição quantitativa por tipos, destaca-se que a seleção de inscrições realizada teve um evidente e exclusivo critério regional. As do período romano têm por base originais associados a quatro importantes cidades do Ocidente lusitano, localizadas no centro de Portugal: *Aeminium* (Coimbra), *Conimbriga* (Condeixa-a-Velha, Condeixa-a-Nova), *Collippo* (Golpilheira/Barreira, Batalha/Leiria) e *ciuitas* de nome desconhecido cuja sede é coincidente com os vestígios romanos da atual povoação de Bobadela (Oliveira do Hospital).

Deu-se igualmente atenção à estrutura interna dos conteúdos textuais optando-se por registos ilustrativos da diversidade que, neste campo, se observa em cada um dos tipos. Mas não deixa de também atender à tipologia dos suportes. Por exemplo, ao nível da epigrafia funerária representaram-se: o altar de base e capitel volantes (cipo prismático), a árula, a cupa, a urna cinerária, o bloco arquitetónico. Copiaram-se também fragmentos de inscrições cuja classificação em termos de suporte nem sempre é simples de estabelecer, pela sua dimensão diminuta, por não se conhecerem na sua tridimensionalidade ou, até, por desaparecimento.

A epigrafia de cronologia pós-romana está menos representada neste conjunto. Reporta-se a *Conimbriga* a réplica de um exemplar alti-medieval e à cidade do Mondego as duas de epígrafes baixo-medievais, todas retratando tipos funerários.

Os espécimes atualmente em exibição

Alguns dos modelos são atualmente observáveis em diferentes salas e espaços de circulação do interior do Palácio de Sub-Ripas. Não correspondendo à totalidade do conjunto conhecido, são uma mostra significativa, embora sem incluir qualquer exemplar de inscrições viárias.

O tipo funerário, o mais bem representado na paisagem epigráfica de época romana, surge ilustrado pelas moldagens dos epitáfios de *Iulia Peculiaris* e de *Cadius Carianus*, mandados gravar na cidade de *Aeminium*, que encerram os principais elementos estruturais deste tipo de textos (Fig. 2 e 3). Ambos integram a identificação do defunto e a idade de falecimento, a referência a quem dedica e a sua relação com o falecido (num caso o filho, noutro a mãe), além do formulário final. Mas diferenciam-se pelo segundo se iniciar com dedicatória aos Manes e rematar com uma expressão de comunicação com o leitor: *dic rogo qui transis sit tibi terra levis* (tu que passas, rogo-te que digas: que a terra te seja leve). Estas diferenças têm inclusive significado cronológico, pois se este epitáfio é indiscutivelmente atribuível ao século II, o primeiro será anterior, podendo recuar aos finais do século I.

A face epigrafada de uma impressionante inscrição honorífica de Leiria, que se encontra embutida numa parede da capela de Nossa Senhora da Pena do Castelo, está representada numa outra moldagem (Fig. 4). O original foi dedicado, em 19 de setembro de 167, ao imperador Antonino Pio divinizado, em nome do senado de *Collippo*, por um cidadão local, *Q. Talotius Allius Silonianus*, em razão de o terem feito membro desse órgão, com a benesse de dispensa do honorário e das funções e encargos públicos. Constitui importante documento para a história da cidade romana cujas ruínas se identificam no monte de São Sebastião do Freixo, ao fazer referência a decisões do *ordo* local e a uma das vias de provimento deste órgão (neste caso com receção de um militar realistado, *euocatus*, que serviu na guarda pretoriana), bem como aos duúnviros do ano em causa. Mas é também um interessante testemunho das vias de desenvolvimento do culto imperial na cidade, sendo a inscrição, ao que tudo indica, correspondente a um pedestal marmóreo dedicado por decreto decurional.



Fig. 6 – Moldagem do epitáfio (ou dedicatória) referente a Júlia Flavina (73x81,5x6,5 cm). Foto: A. Redentor.

GENIO OMNINO
CANTIVS
EX PATRIM

IPITE M PLVM
MODESTINVS
ONIO SVO

VICTORIA
CANTIVS
EXPATRI

ETEMPLVM
MODESTINVS
MONIOSVO

Quatro moldagens respeitam a inscrições da *ciuitas* com sede em Bobadela, com a particularidade de duas reproduzirem apógrafos de inscrições romanas alto-imperiais. Destas, uma corresponde à inscrição da sobreverga da porta principal da igreja matriz, uma cópia setecentista do letreiro romano existente numa nave do templo que precedeu o que hoje existe, pela qual se comprova que corresponderão as ruínas arqueológicas locais a uma sede de *ciuitas*. A outra regista epígrafe que é igualmente cópia de texto antigo realizada na mesma centúria e que está presente num dos cunhais da torre sineira. As remanescentes respeitam a par de peças que permanecem na povoação próxima de Couto de Midões, já do concelho de Tábua, integradas na capela de São Sebastião, mas ambas procedendo verosimilmente da freguesia oliveirense.

A cópia da sobreverga da matriz bobadelense é particularmente interessante, pois para além de reproduzir o texto antigo, com notórias deficiências de transcrição, dispõe da legenda ESTE LETR^o SE A/CHOV NA IGR^a VELHA, a enquadrá-lo de ambos os lados, seguida de cartela com a data de 1746 (Fig. 5). O texto original é de elevado valor histórico ao registar um ato munificente de uma sacerdotisa do culto imperial, *Iulia Modesta*, para com a *ciuitas* local, aí qualificada de esplendidíssima, mas cujo nome ainda se ignora. A segunda cópia referida, texto funerário ou honorífico visando mulher da elite local, também da família dos Júlios, *Iulia Flauina*, apresenta igualmente deficiências

de transcrição, não só no desenho das letras, mas inclusive na interpretação das mesmas, reconhecendo-se não haver total fidedignidade relativamente à peça original (Fig. 6). São, por isso, modelos de inscrições com elevado valor didático, nomeadamente no que respeita à crítica epigráfica.

As duas outras modelagens representam a face epigrafada de compridos blocos arquitetónicos moldurados que documentam a ereção de templos dedicados ao Génio do Município e Vitória na *ciuitas* (Fig. 7 e 8). Ambos são mandados executar por *C. Cantius Modestinus* que, a expensas suas, patrocina as obras de construção dos edifícios religiosos mencionados e que também se reconhece pela sua ação magnífica em Idanha-a-Velha, capital da *ciuitas* dos Igeditanos. São exemplos claros de epigrafia edilícia e testemunhos de um personagem digno de realce neste setor lusitano por volta da época flaviana.

Tal como as anteriores peças, as deste conjunto bobadelense eram bem conhecidas da investigação epigráfica e constantes do volume II do *Corpus Inscriptionum Latinarum*, referente às inscrições hispânicas, que a Academia das Ciências de Berlim fez publicar na segunda metade do século XIX, mas, decerto, terão sido também do particular conhecimento de António Vasconcelos, considerando que é originário do concelho de Oliveira do Hospital.



LIBERO
PATRI
VALERIVS
CAPITI
NVS
A.L.P.



† ADRIANVS CARDINALIS
MCCXXI: E: MCCCXX: XV
HLS: APLS
N: HONORI
SCI: PET
DE: SA
STO: SEP
TUM: LA
MOS: DO
NIB: GRA
CRETOR
PER: GR
OBIL: DO
C: ECCLE
DE: CATO
CDAS: INI
LC: ROBIL
TVS: CVI
E: HOMI
TA: FVIO
ODIV: SE
ATES: M

Seguramente mais recente que as moldagens primevas da sala-museu da Faculdade de Letras é a réplica da árula encontrada em *Conimbriga* por volta de 1929, representante da epigrafia votiva neste conjunto de cópias de gesso, dedicada ao *Liber Pater* ou Baco (Fig. 9). Este diminuto altar, atribuível à segunda metade do século II, constitui-se como prova do culto a este popular deus da fecundidade na urbe que encabeçou as terras meridionais ao Baixo Mondego, pelas mãos de um indivíduo, *Valerius Daphinus*, cujo cognome de origem grega tem concitado suspeitas de origem servil.¹

Os restantes moldes expostos dizem respeito a epigrafia pós-romana. Em concreto, duas inscrições funerárias coimbrãs baixo-medievais, lavradas em matéria calcária e marcadas pela grafia uncial, mas também pela inclusão de campos historiados, reconhecíveis como produtos de ateliê do aro de Coimbra precisamente pelas temáticas expostas. Uma, datada de 18 de Março de 1282, é referente a D. Honório, sacerdote da Igreja de S. Pedro de Cantanhede, e encontrava-se, no século XIX, no claustro da Sé Velha de Coimbra, integrando atualmente o Museu Nacional Machado de Castro (Fig. 10). O texto, datado pelo Ano da Encarnação, seguindo o Cômputo Florentino, e pela Era, destaca-se pela disposição em torno de relevo da

Virgem coroada, sentada em trono e segurando o Menino, do qual consta a imagem do defunto em oração. A outra, que não se encontra datada, será posterior e atribuível à centúria seguinte, referindo-se o texto, que ocupa a parte superior da metade esquerda, ao sepultamento de D. Mor Peres e D. Maria Gonçalves (Fig. 11). A metade direita é, a toda a altura, reservada ao relevo escultórico da Crucifixão, com a figuração de Cristo na cruz ladeado por figuras femininas que representam Nossa Senhora e Maria Madalena. A proveniência do original, que também faz parte do acervo do Museu Nacional Machado de Castro, é desconhecida.²

¹ Réplicas desta peça com finalidade comercial foram realizadas no Museu Monográfico de Conímbriga entre 1986 e meados dos anos 90, com posteriores séries executadas por produtores externos (informação de Virgílio H. Correia). A sua portabilidade faz dela um instrumento didático de bastante valia, com possibilidade de utilização em sala de aula, obviamente em conjunto com outros recursos, nomeadamente digitais.

² Como curiosidade, refira-se que ilustra a capa da última edição em papel da obra *Apontamentos de Epigrafia Portuguesa*, de J. M. Cordeiro de Sousa, publicada pelo Instituto de Arqueologia e de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em 1983.

Passado e futuro

O ensino da Epigrafia na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra apresenta um historial importante que remonta à criação desta escola secular, sendo de sublinhar que, desde o início, são claras e notórias as preocupações com a componente didática. Assim se justifica a coleção de moldagens de gesso que se foi constituindo como ferramenta fundamental para a prática do ensino e da aprendizagem.

Em pleno século XXI vivemos sob o signo do pós-digital e conhecemos bem as oportunidades que a tecnologia informática desbrava em termos de formação e de comunicação.

A Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra continua a buscar a vanguarda da ciência e do ensino, pelo que também no âmbito da Epigrafia procura acertar o passo com o presente. Em 2019 integrou uma candidatura a fundos europeus do programa Europa Criativa conjuntamente com as universidades de Navarra, Bordéus e Roma, o Museo Nazionale Romano e o

Município de Idanha-a-Nova. O projeto *Valete Vos Viatores: travelling through Latin inscriptions across the Roman Empire* apresentado nesta candidatura foi aprovado e alguns dos produtos que resultarão deste esforço comum (documentários, videojogo e museu virtual) serão, em termos didáticos e pedagógicos, ferramentas utilíssimas para a promoção e o ensino da Epigrafia, designadamente de época romana.

Mas a virtualização de objetos, cada vez mais em voga e simplificada, não tem que inviabilizar a utilização de outros materiais didáticos mais clássicos, sobretudo quando preexistem. O caso das moldagens de gesso de espécimes epigráficos é um dos exemplos desses recursos instrucionais, pelo que muito nos aprazeria que se pudesse vir a repensar a sua concentração em espaço único que lhes fosse dedicado, de modo a mais facilmente verem prosseguida a sua finalidade didática, abrindo simultaneamente uma perspetiva patrimonial relativa ao papel formativo e científico da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra ao longo de um século e uma década de existência.



Fig. 11 – Moldagem do epitáfio de D. Mor Peres e D. Maria Gonçalves (46x40,5x5 cm). Foto: A. Redentor.

Outras leituras

Encarnação, José d' – O Museu Didático do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra: realidades e perspectivas. In *Museus Universitários, sua inserção activa na cultura portuguesa: Actas do Colóquio APOM 78*. Coimbra, 1982, 53-57.

Encarnação, José d' – A disciplina de Epigrafia na Faculdade de Letras de Coimbra. *Biblos*, n. s. IX (2011), 109-123.

Torgal, Luís Reis – A Faculdade de Letras de Coimbra: uma escola universitária na República. *Biblos*, n. s. IX (2011), 33-69.

Vilaça, Raquel (coord.) – *O Instituto de Arqueologia: fragmentos da sua colecção*, Conimbriga, 2016.